

O uso de *nós* e *a gente* em cinco comunidades rurais de Terra Nova do Norte/Mato Grosso/Brasil

Neusa Inês Philippsen
Universidade do Estado de Mato Grosso –UNEMAT/SINOP
Josilene Pereira dos Santos
Universidade do Estado de Mato Grosso –UNEMAT/SINOP

Resumo

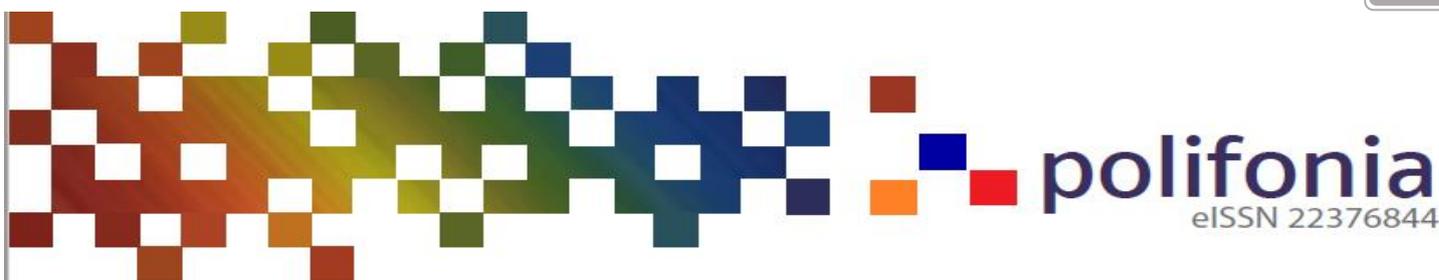
Neste artigo analisamos a variação dos pronomes utilizados para a 1ª pessoa do plural na posição de sujeito, no português falado de comunidades rurais localizadas próximas à cidade de Terra Nova do Norte, ao norte do Estado de Mato Grosso. Para esta análise, foram observados os fatores: escolaridade, faixa etária e o sexo na fala de vinte informantes. A pesquisa foi desenvolvida com base nos postulados da Sociolinguística Variacionista, partindo da descrição e análise linguísticas referentes à variação e diversidade linguística. Através deste estudo podemos concluir que a variante *a gente* vem sendo utilizada com uma intensidade maior por falantes com mais escolaridade (57%), pelas mulheres (35%) e pelos mais jovens (57%); estes informantes são responsáveis pela inserção deste “novo pronome” no sistema pronominal das Agrovilas de Terra Nova do Norte. Há, contudo, nestas comunidades rurais o predomínio da variante *nós* sobre *a gente*, pois a frequência de uso de *a gente* ocorreu cerca de 17%, já o uso de *nós* incidiu em 83%. Desse modo, podemos salientar que há o predomínio do uso da forma mais conversadora *nós*, que é influenciada pelos informantes mais velhos, com menos escolaridade e do sexo masculino, uma vez que estes apresentaram maior percentual do uso de *nós*.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista, *nós*, *a gente*.

The use of *we* and “*a gente*” in five rural communities in Terra Nova do Norte/Mato Grosso/Brazil

Abstract

In this article we analyzed the variation of the pronouns used for the 1st person of plural in the subject position, in the spoken Portuguese of rural communities located near the city of Terra Nova do Norte, in the North of Mato Grosso State. For this analysis the following factors were observed: schooling, age group and gender in the speech of twenty informants. The research was developed based on the assumptions of Variationist Sociolinguistics, starting from the description and linguistic analysis referring to variation and linguistic diversity. Through this study we can conclude that the variant *a gente* has been used with a higher intensity by speakers with more schooling (57%), women (35%) and younger (57%); these informants are responsible for inserting this "new pronoun" into the pronominal system of Agricultural Settlements of Terra



Nova do Norte. There is, however, in these rural communities the predominance of the variant *we* over *a gente*, because the use frequency of *a gente* occurred about 17%, on the other hand the use of *we* happened in 83%. Thus, we can emphasize that there is a use predominance of the most conservative form *we*, which is influenced by the older informants, with less schooling and male, since these ones presented a higher percentage of the use of *we*.

Keywords: Variationist Sociolinguistics, *we*, *a gente*.

El uso de *nós* y *a gente* en cinco comunidades rurales de Tierra Nueva del Norte/Mato Grosso/Brasil

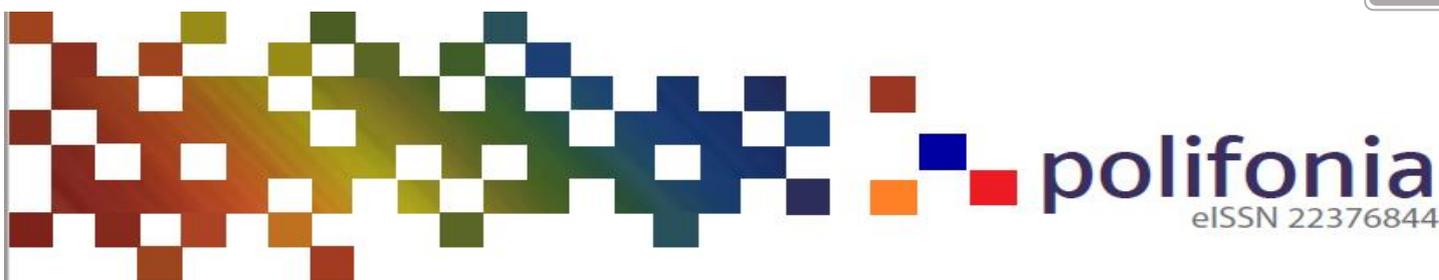
Resumen

En este artículo analizamos la variación lingüística de los pronombres utilizados para la 1° persona del plural “*nós*” y “*a gente*” – los dos equivalentes a nosotros en español – en la posición de sujeto, en el portugués hablado en las comunidades rurales próximas a la ciudad de Tierra Nueva del Norte, al norte del estado de Mato Grosso. Para este análisis se han observado los factores: escolaridad, grupo de edad y el sexo en el habla de veinte informantes. La investigación fue desarrollada con base en los postulados de la Sociolingüística Variacionista, partiendo de la descripción y análisis lingüísticas referentes a la variación y a la diversidad lingüística. A través de este estudio podemos concluir que la variante *a gente* viene siendo utilizada con más intensidad por hablantes con mayor nivel de escolaridad (57%), por las mujeres (35%) y por los más jóvenes (57%). Estos informantes son responsables por la inserción de este “nuevo pronombre” en el sistema pronominal de las Agrovilas de Tierra Nueva del Norte. Hay, sin embargo, en estas comunidades rurales, el predominio de la variante *nosotros* en relación a “*a gente*”, pues la frecuencia del uso de *a gente* ocurrió cerca de 17%, el uso de *nosotros* incidió en 83%. De esa manera, podemos evidenciar que hay el predominio del uso de la forma más conservadora *nosotros*, que es influenciada por los informantes más ancianos, con menos escolaridad y del sexo masculino, una vez que estos han presentado mayor porcentual del uso de *nosotros*.

Palabras-clave: Sociolingüística Variacionista, *nosotros*, *a gente*.

Introdução

As línguas estão em constante movimento, ou seja, sofrem transformações que fazem surgir a variação, esta é ocasionada devido a algum fator na língua que a transforma passando então a existir uma nova variável, isto é, duas ou mais variantes. A



variação linguística ocorre quando uma ou mais formas entram em concorrência de significação, por exemplo, em um mesmo contexto pode-se utilizar expressões diferentes que representam a mesma ‘coisa’ e que tenham o mesmo sentido. Por sua vez, estas se relacionam com fatores de origens sociais, como o sexo, a idade, a classe social, o nível sociocultural dos falantes etc. Para Coelho *et al.* (2015, p. 16), “a variação linguística é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado”.

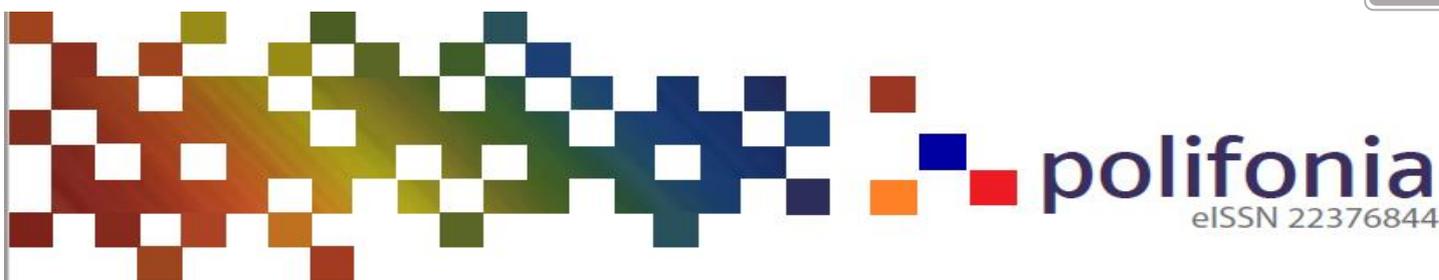
As variedades, assim, sofrem avaliações que podem ser positivas ou negativas e cabe ao pesquisador sociolinguista “investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático” (PAIVA, 2015, p.11).

Nesse sentido, Tarallo (1986, p. 11-12) assevera que as variantes de uma comunidade de fala estão sempre em concorrência entre si, sendo “padrão vs. não-padrão, conservadoras vs. inovadoras; de prestígio vs. estigmatizadas. Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico da comunidade” e “as variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade”.

Cabe ressaltar que estapesquisafui desenvolvidasob o viés teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, colocando-se em foco o estudo analítico do uso de *nós* e *a gente* empregados na fala dos informantes decinco comunidades rurais. Utilizamos as pesquisas bibliográfica e de campo como recursos metodológicos.

Assim, este estudo busca analisar o uso de *a gente* e *nós* em 5 (cinco) comunidades rurais, na região norte do Estado de Mato Grosso, localizadas próximasà cidade de Terra Nova do Norte¹. Estas comunidades foram selecionadas devido ao

¹Terra Nova do Norte é uma cidade que está localizada no norte do Estado de Mato Grosso, a 644,6 km da capital Cuiabá. Esta conta com dez agrovilas (comunidades rurais) que se formaram antes da cidade, nas décadas de 1970 e 1980. Os migrantesque colonizaram esta região foram sulistas, advindos especificamente do Rio Grande do Sul.Este municípiooriginou-se por meio de uma parceria do Governo Federal com o Estado do Rio Grande Sul, no ano de 1978, devido à tribo indígena Kaingang (localizada



processo colonizatório que foi desenvolvido na região, para tanto, selecionamos 20 (vinte) informantes, sendo 4 (quatro) moradores de cada comunidade, de duas faixas etárias, uma dos 15 aos 30 anos e outra acima de 55 anos, sendo 2 (dois) homens e 2 (duas) mulheres de cada comunidade, 2 (dois) mais jovens e 2 (dois) mais velhos. A coleta de dados foi realizada durante o ano de 2017, desse modo, observamos três fatores extralinguísticos: escolaridade, faixa etária e sexo.

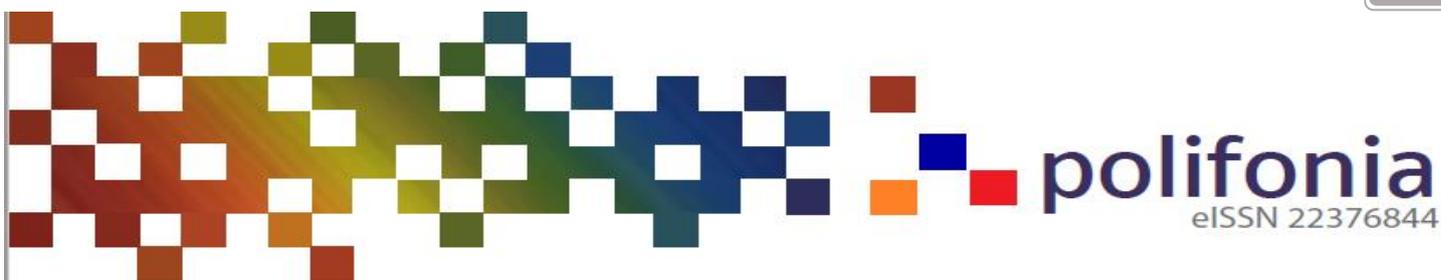
O questionário² foi desenvolvido com base na narrativa de experiência pessoal, uma vez que “os estudos de narrativas de experiência pessoal têm demonstrado que, ao relatá-las, o informante está tão envolvido emocionalmente com *o que* relata que presta o mínimo de atenção ao *como*” (TARALLO, 1986, p.22, grifos do autor). Sendo assim, compreendemos que “Ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, ao colocá-las no gênero narrativa, o informante desvencilha-se praticamente de qualquer preocupação com a forma” (TARALLO, 1986, p. 23), prestando atenção, então, sobre *o que* fala e não *como* fala.

1. Fundamentação teórica: a Sociolinguística Variacionista

A Sociolinguística, desde seu surgimento “busca estudar a heterogeneidade linguística, a língua em situações reais de uso, na qual o foco é a variação linguística, analisada nas relações existentes entre a língua e a sociedade. Sua maior tarefa é

no Sul do país) expulsar de suas terras mais de mil famílias que arrendavam as terras indígenas do chefe do SPI (Serviço de Proteção ao Índio), antiga FUNAI (Fundação Nacional do Índio). Os indígenas queimaram as plantações, as escolas, desabrigaram essas famílias. Houve então uma intensa pressão por parte do Governo Estadual e lideranças políticas, junto ao INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), para resolver esta situação, pois as famílias estavam vivendo em acampamentos e outras às margens de estradas em condições precárias, pela falta de alimentos e frio intenso. Como na região Sul não havia um local para se fazer um reassentamento, e tinham-se muitos interesses políticos em jogo na época, indicaram o Estado de Mato Grosso para abrigar as famílias, desenvolvendo assim o Projeto Terranova. Este, desse modo, foi extremamente relevante para o povoamento da região, pois foi através deste que diversas famílias sem condições nenhuma migraram para Mato Grosso. Nos dias atuais, a maioria da população destas comunidades são crianças e velhos; os jovens, normalmente saem destas comunidades em busca de trabalho e estudo.

²Foram desenvolvidos dois questionários; um destinado aos informantes mais velhos, o qual contém questões que enunciam sobre identidade, o processo colonizatório de Terra Nova do Norte, desenvolvimento do projeto, a vinda dos camponeses sulistas para Mato Grosso, as dificuldades enfrentadas na nova terra, as agrovilas nos dias atuais, a infância, a vida no Sul e questões linguísticas etc. E outro para os mais jovens, em que as questões versavam também sobre identidade, a infância, as agrovilas, e questões sobre a língua.



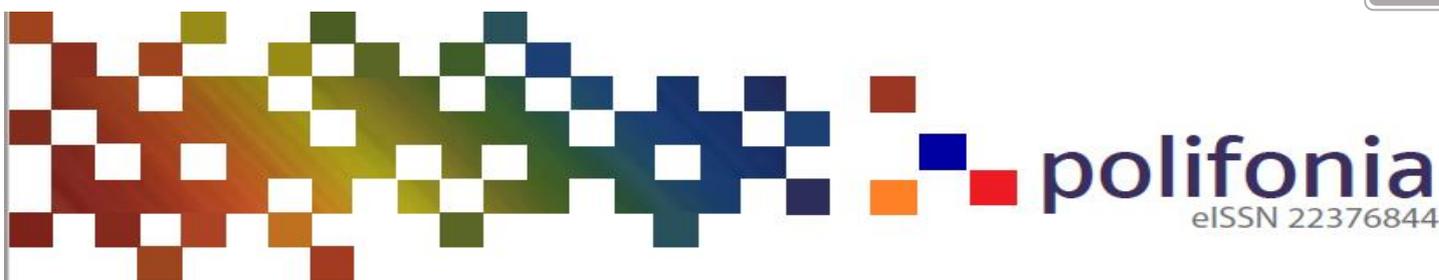
apresentar que a ‘variação e diversidade não são livres’” (SANTOS, 2015, p.16), mas são correlatas com fatores sociais e estruturais. Segundo Coelho *et al.*,

Seu foco são regras variáveis da língua, aquelas que permitem que, em certo contexto linguístico, social e estilístico, falemos de uma forma, e, em outros contextos, de outra forma – ou seja, que alteremos duas ou mais variantes (formas que devem ter o mesmo significado referencial/representacional e ser intercambiáveis no mesmo contexto). (COELHO *et al.*, 2015, p.60).

Conforme Alkmim (2003, p.31), “a Sociolinguística encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico”, pois é através da diversidade que são apresentadas as características de cada comunidade refletidas não somente na cultura, mas também na língua. Dessa forma, “A língua pode ser um fator extremamente importante na identificação de grupos, em sua configuração, como também uma possível maneira de demarcar diferenças sociais no seio de uma comunidade” (TARALLO, 1986, p.14). Os falantes, por sua vez, possuem atitudes linguísticas que “são as armas usadas pelos residentes para demarcar seu espaço, sua identidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupo social separado”.

Segundo Paiva (2015, p.09-10), para a Sociolinguística, o “objeto de estudo [é] exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais”. Para Alkmim (2003, p.31), “o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso”.

Labov (2008 [1972]) adverte que o uso das ‘variantes não é aleatório’, mas influenciado por fatores sociais (externos à língua) e estruturais (internos à língua), que exercem pressão sobre os usos linguísticos, influenciando-os nas novas formas das variantes. Sendo assim, “a Sociolinguística se ocupa desses fatores, da pressão que eles exercem sobre a língua que falamos e da maneira que as pessoas percebem e avaliam a língua. É dessa forma que os sociolinguistas estudam a relação entre língua e sociedade”. (COELHO *et al.*, 2015, p.13).



Ainda conforme Labov (2008 [1972], p. 244), “o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas”. O sociolinguista, assim, deve buscar assegurar a fala espontânea, o vernáculo do falante, uma vez que não há um grau de monitoramento elevado, e a partir daí verificar as variações em uma comunidade de fala.

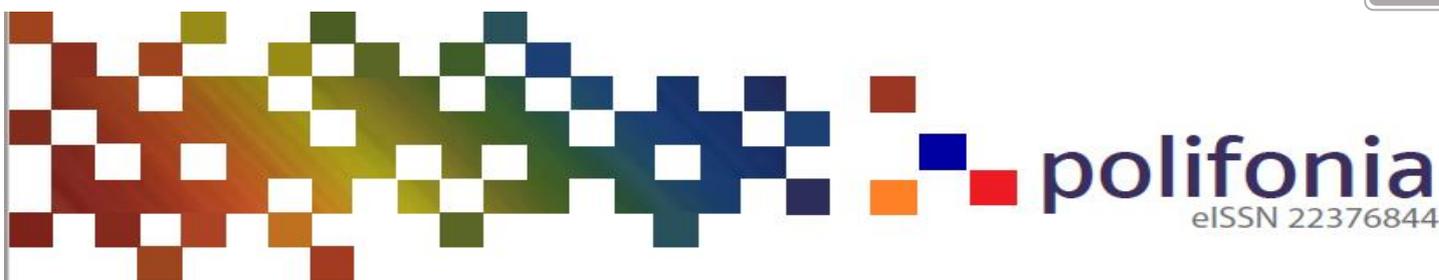
Bagno (2014, p. 38), nesse contexto, ressalva que “é impossível estudar a língua sem estudar, ao mesmo tempo, a sociedade em que essa língua é falada [...] não dá para estudar a sociedade sem levar em conta as relações que os indivíduos e os grupos estabelecem entre si por meio da linguagem”. Nesse sentido, língua e sociedade estão relacionadas de modo intrínseco, pois uma influencia a outra, deixando resquícios uma na outra que serão observados pelo olhar atento do pesquisador sociolinguista, que comprovará a existência desta relação.

2. A expressão *a gente*

Bechara (2001, p. 117) apresenta a expressão *a gente* como “referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa”. Já Cunha e Cintra (1999, p. 214) ponderam sobre a “forma de representação da 1ª pessoa” que, na linguagem coloquial, é empregada no lugar de *nós* e, também, por *eu*. Faraco e Moura (2003, p. 287) expõem que a “expressão *a gente*” é utilizada na linguagem coloquial, destacando que “a norma culta tende a rejeitar essas construções, comuns na fala coloquial”.

Nascimento (2013, p.28), por sua vez, acrescenta que “os gramáticos abordam os pronomes pessoais como indicadores universais das três pessoas do discurso: *quem fala, com quem fala e de quem/que se fala*, reconhecendo as formas no singular e plural”. Já Lopes (2003b) aponta a contradição entre as gramáticas normativas ao classificarem a forma *a gente* que, ora é apresentada como forma de representação da primeira pessoa, ora como forma de tratamento, ou como pronome indefinido.

De acordo com Nascimento, a expressão *a gente*



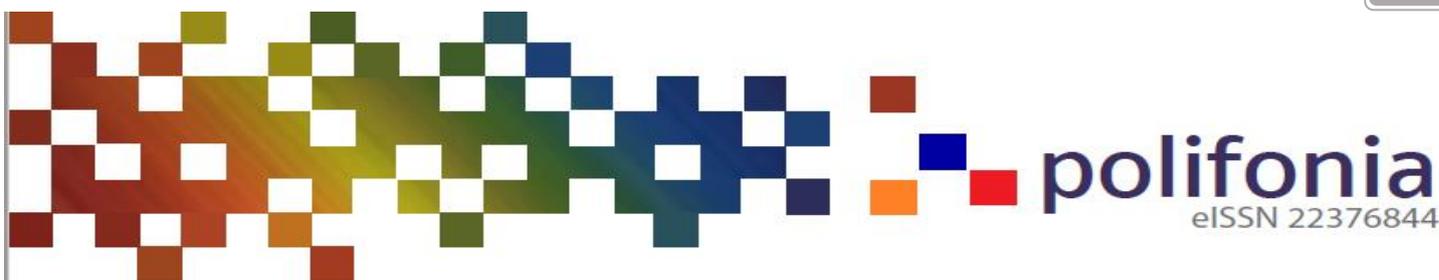
trata-se de um plural que deve ser entendido como “eu” agregado a uma ou mais pessoas, no qual o ouvinte pode ou não estar inserido. Portanto, *a gente* não é plural de “eu”, entretanto agrega uma referência a “eu”. Torna-se plural, já que inclui o “eu” e o interlocutor ou o “eu” e outra(s) pessoa(s). O pronome *a gente* não é uma soma de eu + eu (+eu...), mas de eu + tu (+tu...) ou de eu + ele (s) (+ ele(s)...) ou eu + tu + ele(s) (+ele(s)). (NASCIMENTO, 2013, p.24).

Por sua vez, composições como *a gente falamos* não são aceitas como silepse³ pelos gramáticos, sendo avaliadas como ‘erro’; contudo Bechara (2001, p.555) acrescenta que “a língua moderna impõe apenas uma condição estética, uma vez que soa desagradável ao ouvido a construção do tipo: o povo trabalham ou *a gente vamos*”. Segundo Carvalho (2013, p. 92), “para o português brasileiro, o singular já se tornou a forma tacitamente aceita como regra. O que talvez explique a preferência da forma singular sobre a plural, quer no português europeu, quer no português brasileiro”.

Conforme Lopes (2003a), a expressão *a gente* também acaba interferindo na relação de concordância entre o sujeito e o verbo, constituindo a concordância semântica com perda de elementos na concordância formal, especialmente entre as camadas populares brasileiras, ou seja, nas camadas em que as pessoas possuem pouco ou nenhum grau de escolarização, sendo possível ocorrer construções do tipo “*a gente vamos hoje*”, “*a gente tínhamos de voltar*”, nas quais o falante apreende que se trata de si mesmo e de outras pessoas que estão associadas a ele.

Segundo Santana (2014, p.32), a forma *a gente* deriva de *gente* que, por sua vez, “era utilizada tanto no singular quanto no plural até o século XV mas, a partir do século XVI, o plural entra em declínio ao passo que o singular ganha espaço no uso de tal

³Silepse ou concordância ideológica – é realizada com o sentido da palavra e não com a sua forma gramatical. Pode ser de gênero, número e pessoa. Silepse de gênero: “Senhor prefeito, V. Ex^a está equivocado”. Nesta oração a palavra **equivocado** está no masculino, concordando com o sexo e não com o pronome **Vossa Excelência**. Silepse de número: “A molecada corria pelas ruas e atiravam pedras nas vidraças”. Nesta sentença o verbo **atirar** está no plural concordando com a ideia – muitos moleques e não com a palavra **molecada**, que é um coletivo e exige estar no singular. Silepse de pessoa: “Os amigos do místico que fomos levá-lo a bordo do Astúrias voltamos do cais com a sensação penosa de ter perdido por alguns anos aquele que melhor sabia comentar e interpretar para nós a vida da cidade carioca” (M. Bandeira). Os verbos **ir** e **voltar** deveriam estar na 3ª pessoa do plural, concordando com **os amigos místico**. Entretanto, estes estão na 1ª pessoa do plural, devido o autor se incluir entre os amigos. (FARACO e MOURA, 2003, p. 414)



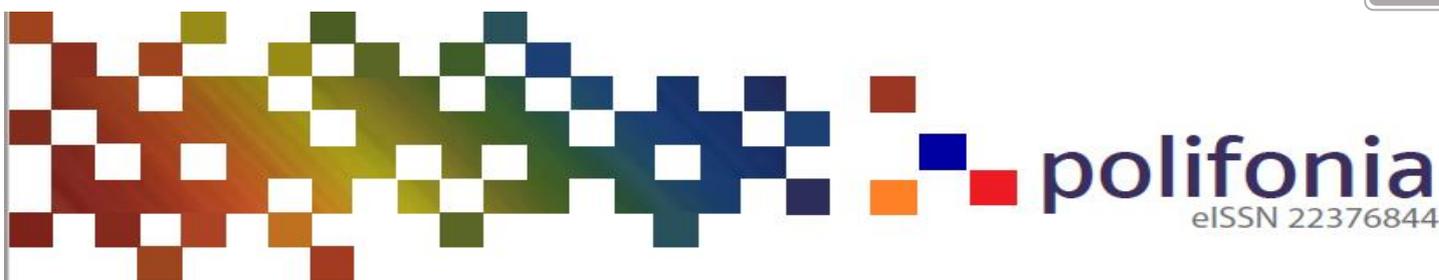
forma”. Assim, podemos salientar que ocorreu uma transformação do substantivo *gente* para o *a gente*, forma pronominal encontrada nos dias atuais. De acordo com Carvalho (2013, p. 89), “os registros de uso já datam do século XVIII. O percurso diacrônico dessa forma pronominal inclui não só a multirreferenciação, mas também a perda gradual do traço de número [+] plural”.

Já Borges (2004) salienta que a forma *a gente*, apresentada com o artigo “a” mais o substantivo “gente” com traços de pronome de 1ª pessoa, provavelmente não tenha sido empregada nos séculos XIII a XVI. Entretanto, conforme vai acontecendo o desaparecimento da forma plural *as gentes*, começa a surgir o uso da forma *a gente*, com caráter indeterminado e coletivo, ou seja, a partir do momento em que as características de plural no substantivo (*gente*) vão se perdendo, este passa a empregar características de singular e apresenta-se sob uma nova forma (*a gente*) e com uma nova classe (pronome pessoal).

Lopes (2003a) apresenta em sua análise que o *a gente* como pronome pessoal só foi utilizado na segunda metade do século XIX. Entre os séculos XVI e início do século XIX, a expressão *a gente* se propagava em uma interpretação ambígua, ora como sinônimo de pessoa, ora como variante de *nós*.

Ainda de acordo com Lopes (2004, p.50), a forma *a gente* origina-se da expressão nominal *gente*, que, “ao assumir, em certos contextos discursivos, determinadas propriedades, valores e funções, passou a fazer parte de uma outra classe/categoria”. Assim, segundo a autora (2003a, p.79, grifos da autora), “a passagem de *a gente* **nominal** para *a gente* **pronominal** deu-se pela perda da especificação do traço formal de gênero presente no substantivo [+fem] e neutro no pronome [øfem]”. Esse processo de mudança de classe é caracterizado por Lopes (2004, p.50) como um processo de gramaticalização que “ocorre quando um item lexical se torna, em certas circunstâncias, um item gramatical ou quando itens gramaticais se tornam ainda mais gramaticais⁴”. Destarte, a autora ressalta que

⁴ “Tornar-se mais gramatical significa dizer que o item passa a assumir posições mais fixas nas sentenças, tornando-se previsível em termos de uso”. (MARTELOTTA *et al.*, 1996, *apud* LOPES, 2004, p. 50).



A forma gramaticalizada mantém do nome *gente* o traço formal de 3ª pessoa, embora acione uma interpretação semântico-discursiva de 1ª pessoa [+ EU]. Mesmo que o verbo em concordância com *a gente* permaneça na 3ª pessoa do singular, se pressupõe a existência de um “falante + alguém” (LOPES, 2004, p. 52).

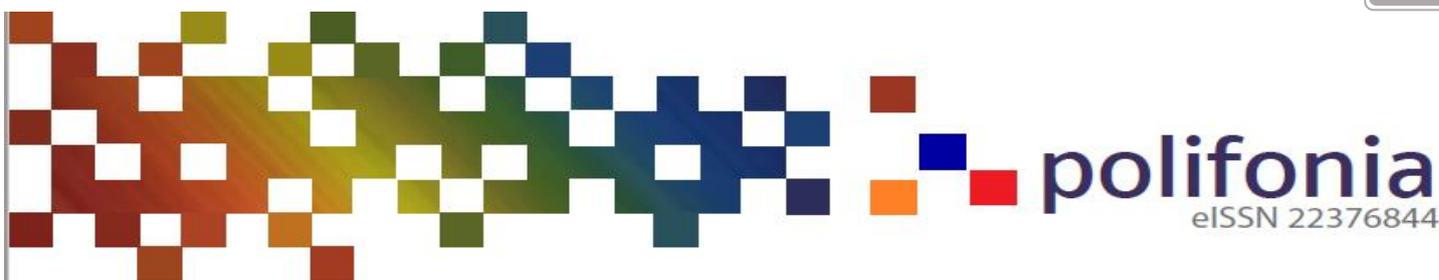
Por sua vez, Castilho (1997) expõe sobre o desenvolvimento da gramaticalização referindo-se ao processo de continuação das inovações linguísticas, o qual exhibe dois domínios, o domínio das escolhas e o das determinações. No domínio das escolhas, são variadas as formas linguísticas que se manifestam e o falante faz a sua escolha partindo dos seus objetivos discursivos. Já no domínio das determinações, as estruturas linguísticas encarregam-se de limitar as opções de seleção do falante.

Desse modo, os dois domínios referidos por Castilho são acatados, tanto no uso variável das formas *a gente* e *nós* (domínio das escolhas) quanto na função de sujeito (domínio das determinações). Castilho (1997) apresenta, ainda, de modo especificado o conceito de gramaticalização, abarcando a mudança relacionada à forma *a gente*: *gente* (subst.) > *a gente* (pron. indef.) > *a gente* ~ *a'ente*⁵ (pron. pess.).

Lopes (2003a) também avalia o processo da gramaticalização de *a gente*, com base nos postulados da Sociolinguística Variacionista. O seu primeiro estudo linguístico ocorre através de uma análise em tempo real de longa e de curta duração. Para os estudos analíticos do tempo real de longa duração, a autora utilizou os *corpora* de textos escritos do século XIII ao XX, especialmente obras teatrais que reportaram especialidades da oralidade. Já para o estudo em tempo real de curta duração e em tempo aparente, foram usadas entrevistas do Projeto Norma Linguística Urbana Culta – Rio de Janeiro (NURC), com informantes de duas décadas distintas, 1970 e 1990, e, além disso, entrevistas gravadas entre 1992 e 1996.

Em seu primeiro estudo, Lopes (2003b) verificou que a pronominalização de *a gente* foi lenta e gradual, já que só foram identificadas ocorrências esporádicas com o

⁵ Esta expressão envolve a redução fonética, a perda de substância fonética. Alguns autores GUY (1981), MENON (1996) e ZILLES (2002) têm observado que a forma *a gente* pode ser realizada como *a gente*, *ahente*, *a'ente* e *'ente* (ZILLES, 2007, p. 33).



pronome no século XVIII, embora com ambiguidade interpretativa, tanto como sinônimo de pessoa quanto da variante de *nós*. Vejamos os exemplos abaixo:

Séc. XVI:

(1) “Quanto mais se chega a fim do mundo, atodo andar, tanto *a gente* é mais ruim!”⁶

Séc. XVII:

(2) “(...) E os tigres, em tanta quantidade (por não haver descampados), que, em se metendo | a rês no mato, não sae, e o mesmo risco corre *a gente*, se não anda acompanhada, e pelos rios e lagos dos jaguarés...”⁷

Séc. XIX:

(3) “*Rosinha* - A prima Maricota disse-me que era uma coisa de pôr *a gente* de queixo caído.”⁸ (LOPES, 2003b, s/n, grifos da autora).

A autora (2003a, p. 69-70, grifos da autora) ainda acrescenta que essas ocorrências, “em que a acepção semântica intrínseca ao substantivo *gente*, ou seja, a noção genérica de pessoa, começam a sofrer uma mudança”, na qual o traço semântico de [ØEU] se altera para [+EU], pois a interpretação, que incluía o falante, torna-se mais visível. Nestes exemplos, é possível considerar que o referente pode ser “todo mundo (todas as pessoas), inclusive *o eu*”.

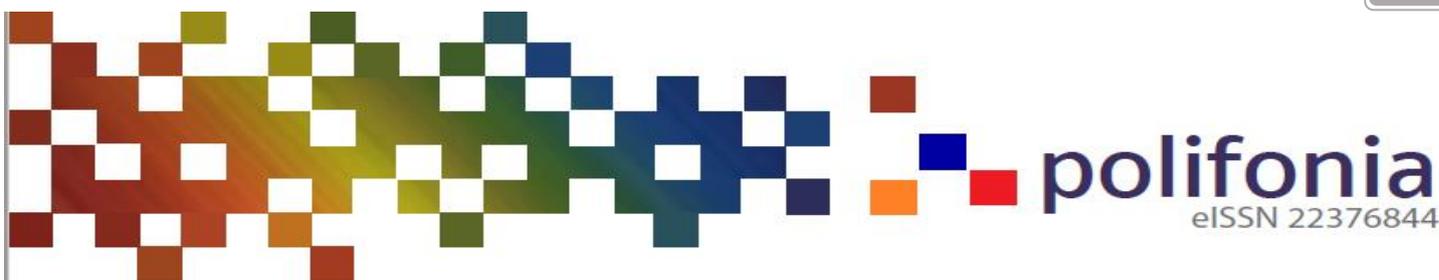
Estas construções, que eramescassas no português arcaico, começam a aparecer na língua escrita a partir do século XVI. Uma vez que a autora localizou (2003b, s/n, grifos da autora) “um (01) exemplo no século XIII, mas, a partir do século XVI a incidência de exemplos dessa natureza torna-se mais significativa. Identificaram-se 2 casos de *interpretação ambígua* no século XVI, 2 no XVII, 9 no XVIII e 36 no XIX”. Desse modo, o aumento progressivo dessas ocorrências no século XVII pode cogitar em um momento de transição do uso da forma como substantiva para o emprego pronominal no século XIX.

A autora (2003a, p. 110-111) também verificou que as ocorrências de *a gente* pronominal passam a existir na língua brasileira a partir do século XVIII, antes disso encontraram-se apenas dados ambíguos, mas o período de transição de *gente* substantivo para *a gente* pronominal foi exatamente no século XIX; ainda observa que

⁶Todas as obras de Gil Vicente.

⁷Manuscrito Noticiário Maranhense.

⁸Teatro França Júnior.



somente no século XX a mudança se concretiza. Além disso, a autora salienta que essa mudança foi influenciada pelas mulheres, uma vez que localizou a forma *a gente* pronominal em 64% da fala de personagens femininas e 35% na fala de personagens masculinos, escritos por autores de peças de teatro e romancistas.

Dessa forma, Lopes assevera que, na análise em tempo real de longa duração,

confirmou-se a gramaticalização de *a gente* que passa, a partir do século XX, a comportar-se como os outros pronomes pessoais (*eu, tu/você, ele/ela*), ou seja, torna-se subespecificado semanticamente quanto ao gênero [α FEM], tendendo a combinar-se com adjetivos no masculino e/ou no feminino, dependendo do sexo do referente. Quando há o traço de número plural, contudo, a concordância com o masculino parece ser a mais produtiva, principalmente nos casos em que o falante se refere a um grupo misto de pessoas ou quando a referência é genérica. (LOPES, 2003a, p. 78).

Com relação à análise feita nos dados de fala contidos no NURC-RJ, a autora notou que “a substituição de *nós* por *a gente* se está efetivando progressivamente nos últimos 30 anos, seja entre os falantes cultos, seja entre os não-cultos no Rio de Janeiro” (LOPES, 2003a, p. 68). Para Naro e Scherre (2007, p. 152, grifos dos autores), é possível que “a inserção de *a gente* no sistema pronominal, com preferência pela concordância *a gente fala*, quando *a gente* está adjacente ao verbo, possa ter provocado, indiretamente, o uso de *nós fala*”.

3. Análise do fator escolaridade

Neste fator partimos da hipótese de que os mais escolarizados de nossa pesquisa, que são os informantes mais jovens, realizariam um emprego maior de *a gente*, enquanto que os menos escolarizados, os mais velhos, tenderiam ao uso de *nós*. A escolaridade foi considerada estatisticamente relevante para o entendimento da variação em estudo, como ilustram as ocorrências a seguir:

- (1) /.../ acho que o modo de vida, o que naquele tempo era sofrido, agora a gente **tá** bem estabilizado. (I1F01⁹)
- (2) Tem é r/ festa nas comunidade, às veis a gente se **reúne** pa joga bola também nos campo que tem, isso que eu uso pa me diverti na verdade. (I7M01¹⁰)

⁹ Informante da 1ª Agrovila feminino da faixa etária 1 (15 aos 30 anos).

¹⁰ Informante da 7ª Agrovila masculino da faixa etária 1 (15 aos 30 anos).



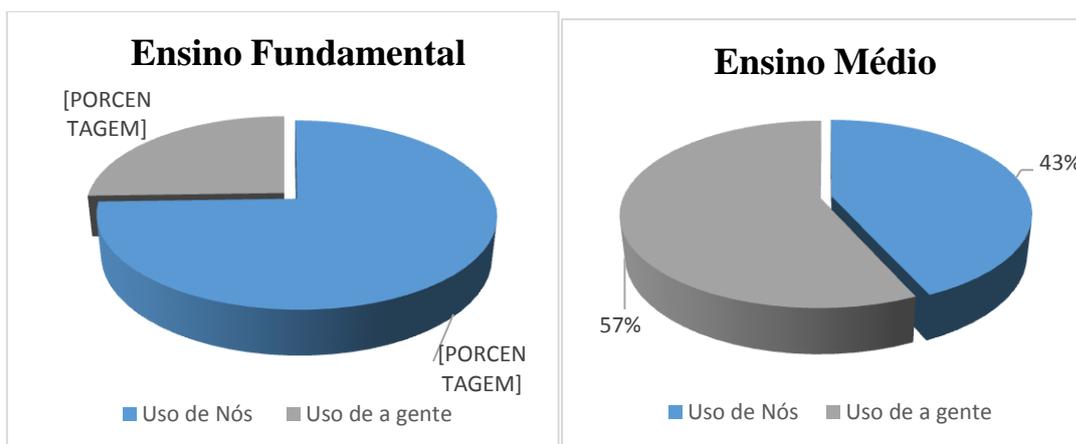
- (3) Sim! As Agrovila nós já **viemos**, já foi formado o povo chegano, né?! Tudo as mudança, cada casa, né?! (I5F02¹¹)
- (4) Aqui mais é, tem só quaje gente, tem algum (povo) que tem curto cutivam horta e esse otros nós aqui non **temos**, só poquinho, plantemo poquinho mandioca, um pouco de batata e uma hortinha, criamo galinha, porquinho, vaca aqui não tem nenhuma mais porque [...] é consumo próprio.(I6F02¹²)

Dentre os resultados apreendidos, os informantes com até o Ensino Fundamental, utilizaram cerca de 75% de *nós* e 25% de *a gente* (Gráfico 1). No Ensino Médio, eles empregaram 57% de uso de *a gente* e 43% para *onós* (Gráfico 2), ou seja, os informantes com mais escolaridade apresentam-se mais tendentes ao uso de *a gente*. Neste quesito, verificamos grande divergência na frequência do uso de *a gente*, segundo o grau de escolaridade.

Neste ponto da pesquisa, podemos afirmar que as nossas hipóteses foram alcançadas, uma vez que os informantes com menos anos de escolarização se apresentaram mais conservadores, utilizando apenas 25% da variante *a gente*, enquanto que os mais escolarizados apresentaram 57% de uso. Estes resultados aproximam-se de outras pesquisas já feitas, como as de Santana (2014), Brustolin (2009) etc.

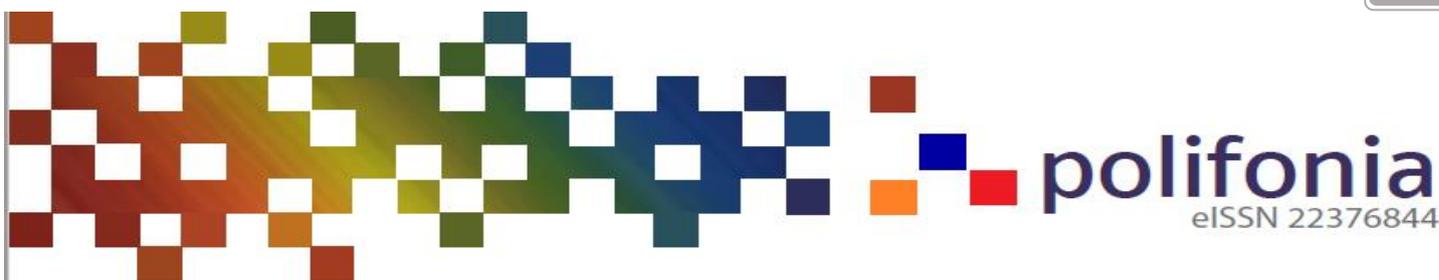
Gráfico 1: Uso de *Nós* e *A gente* no Ensino Fundamental

Gráfico 2: Uso de *Nós* e *A gente* no Ensino Médio



¹¹Informante da 5ª Agrovila feminino da faixa etária 2 (acima de 55 anos).

¹²Informante da 6ª Agrovila feminino da faixa etária 2 (acima de 55 anos).



Os nossos dados quanto ao uso do pronome *nós* aproximaram-se do estudo de Santana (2014), uma vez que em sua pesquisa os informantes com escolaridade do Ensino Fundamental apresentaram 30% de uso de *nós* enquanto que os falantes com Ensino Médio 17%, assim podemos concluir que os indivíduos com menos escolarização são mais favoráveis ao uso de *nós* e os com mais escolarização ao uso de *a gente*.

4. Análise do fator faixa etária

As variáveis são imprescindíveis na verificação do comportamento linguístico em uma dada comunidade de fala, desse modo, é possível averiguar se um fenômeno é uma variação estável ou se está em processo de mudança. Para esta variável, faixa etária, partimos da conjectura de que a frequência de *a gente* seria maior entre os falantes mais jovens do que entre os mais velhos. Estes, por sua vez, tenderiam a usar mais a variante *nós*, o que sugeriria em considerar que estaríamos diante de uma mudança em progresso. A seguir apresentamos alguns exemplos encontrados:

- (5) /.../ *a gente* **faz** algumas plantação, que nem meu pai plantou agora uns pé de caju, né?! Mais sempre assim fraquinho. (I5F01¹³)
- (6) Na agropecuária, junto com meu pai, aqui no sítio eu faço de tudo um pouco, mexo com gado, o que tivê nu sítio aqui pa fazê *a gente* **faiz**. (I6M01¹⁴)
- (7) /.../ assim uma lá, às vezes lá traziam um pedaço de carne porque num tinha carne, então *a gente* vivia mais da carne de caça, né?! Daí caçava, daí tinha que, até que nós **conseguimos**, daí umas, arrumemo umas galinha pa começá, né?! (I7F02¹⁵)
- (8) Não, aqui não existe segurança, segurança que tu, que nós **temos** aqui é a segurança pública, polícia que ela pouco tem trabalho aqui, como não tem incidente, a polícia não tem trabalho, né?! Aqui na vila no caso, né?! Nós aqui não **temos** problema com segurança, né?! (I1M02¹⁶)

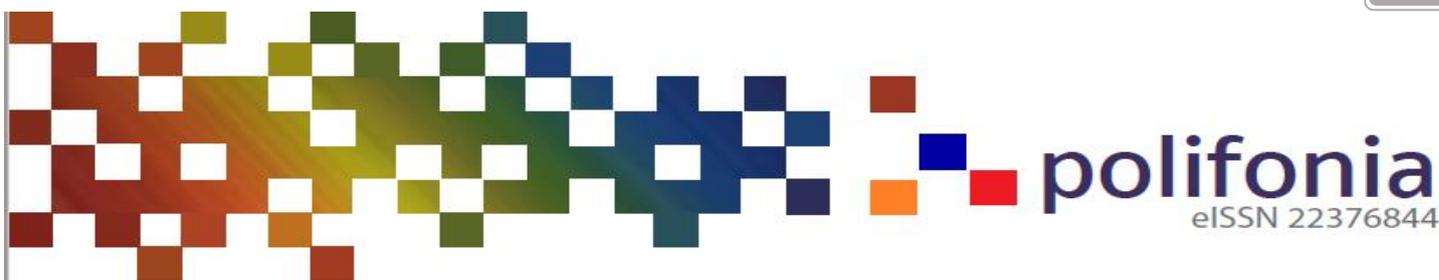
Neste fator, os mais jovens utilizaram um total de 43% de *nós* e 57% de *a gente* em sua fala (Gráfico 3), apresentando-se, assim, mais propensos ao uso da variante *a gente* nessas comunidades, sendo menos conservadores. Já os mais velhos empregaram

¹³Informante da 5ª Agrovila feminino da faixa etária 1 (15 aos 30 anos).

¹⁴Informante da 6ª Agrovila masculino da faixa etária 1 (15 aos 30 anos).

¹⁵Informante da 7ª Agrovila feminino da faixa etária 2 (acima de 55 anos).

¹⁶Informante da 1ª Agrovila masculino da faixa etária 2 (acima de 55 anos).



um total de 75% de *nós* e 25% de *a gente* (Gráfico 4), mostrando-se, portanto, mais conservadores com relação a esta variante, desse modo, esta faixa etária desfavorece o emprego de *a gente*. Os dados indicam-nos que está ocorrendo um processo de mudança, pois os falantes mais jovens lideram uma diferença robusta de 57% para apenas 25% de uso pelos mais velhos da variante *a gente*.

Gráfico 3: Uso de *Nós* e *A gente* na Faixa Etária 1 (15 aos 30 anos)

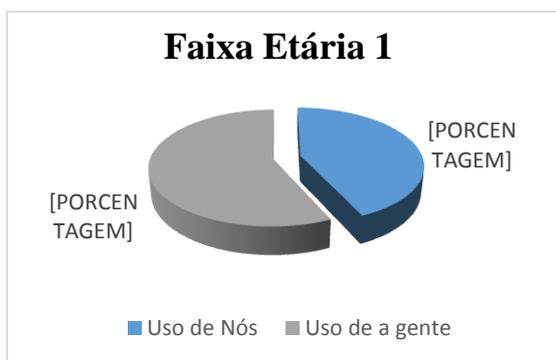


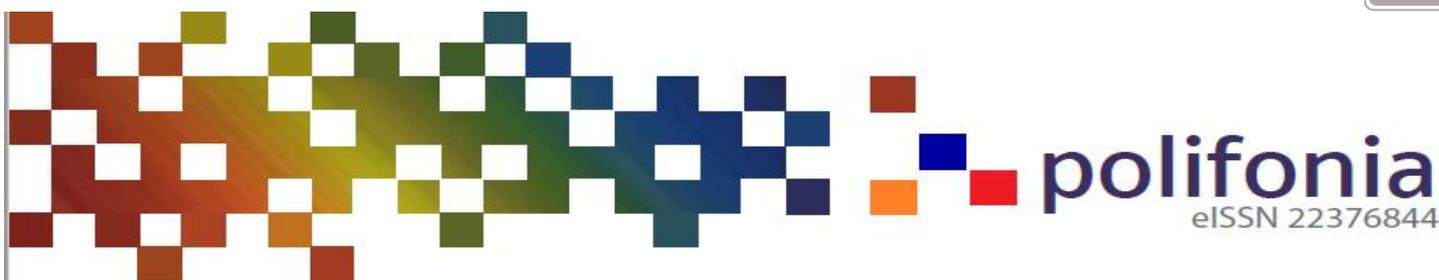
Gráfico 4: Uso de *Nós* e *A gente* na Faixa Etária 2 (acima de 55 anos)



No estudo de Nascimento (2013), a autora analisou uma mostra de fala do Projeto Norma Linguística Urbana Culta da cidade de Salvador (Projeto NURC-SSA), na qual os informantes possuíam nível superior, dos anos 1970, confrontados com dados dos anos 1990. A pesquisadora verificou que a faixa 3 (a partir de 56 anos) apresentou um total de 76% de *nós* e 24% de *a gente*, já a faixa 1 (25 a 35 anos) empregou 27% de *nós* e 73% de *a gente*, evidenciando-se, assim, que os mais jovens tendem a utilizar mais a variante *a gente*. A autora não apresenta dados sobre a faixa etária 2.

A frequência da variável faixa etária, por sua vez, vai decaindo conforme vai aumentando a faixa etária. Estes dados aproximam-se dos encontrados em Terra Nova, já que os falantes mais jovens também utilizaram mais o *a gente* e os mais velhos mais o *nós*, o que comprovou nossa hipótese inicial, assim como ocorre em outros estudos, tais como: Borges (2004), Brustolin (2009), Santana (2014) etc.

5. Análise do fator sexo



Neste fator, nossa hipótese pressupõe que as mulheres utilizariam mais a variante *a gente*, pois, segundo alguns estudos, a fala do homem difere em muitos aspectos da fala da mulher. Algumas destas apontam que as mulheres utilizam mais normas prestigiadas do que os homens, sendo, desta forma, mais inovadoras do que eles.

Para Paiva (2015), as mulheres têm a tendência de liderar os processos de mudança linguística, encontrando-se, muitas vezes, gerações à frente dos homens. Isto ocorre porque “quando uma variante é estigmatizada e outra é prestigiada, verifica-se a tendência de as mulheres empregarem a variante de prestígio. Quando uma forma nova deixa de ser estigmatizada, as mulheres utilizam-na geralmente com maior frequência que os homens” (CEZARIO e VOTRE, 2009, p. 149).

Abaixo dispomos alguns exemplos encontrados:

- (9) /.../ aqui na propriedade de tudo, né?! É tirá leite, a gente **limpa** pasto, a gente **planta**, né?! (I1F02¹⁷)
- (10) /.../ bom, pra começá nós **fizemos** piqueteamento e coisa aí, né?! E não deu certo. (I1F02¹⁸)
- (11) Tem é r/ festa nas comunidade, às veis a gente se **reúne** pa jogá bola também nos campo que tem, isso que eu uso pa me diverti na verdade. (I7M01¹⁹)
- (12) Não, não, nós **viemos** já co, co, com, co o contrato que nós tinha {...} contrato de terra porque pa podê sedê pos filho, né?! Mais daí nós fomo (lesado) já no começo, né?! (I7M02²⁰).

Dentre os resultados de nossa pesquisa, cabe ressaltar que as mulheres utilizaram 65% de *nós* e 35% de *a gente* em sua fala (Gráfico 5), mostrando-se mais tendentes a usar a variante *a gente* quando esta não é estigmatizada, já que os homens utilizaram 79% de *nós* e 21% de *a gente* (Gráfico 6), o que revela, portanto, serem mais conservadores, empregando menos a variante *a gente*. Esta variante, dessa forma, é liderada pelas mulheres, já que estas empregaram mais usos, mostrando-se assim inovadoras frente aos homens. Estes, por sua vez, desfavorecem o uso da forma *a gente*.

¹⁷ Informante da 1ª Agrovila feminino da faixa etária 2 (acima de 55 anos).

¹⁸ Informante da 1ª Agrovila feminino da faixa etária 2 (acima de 55 anos).

¹⁹ Informante da 7ª Agrovila masculino da faixa etária 1 (15 aos 30 anos).

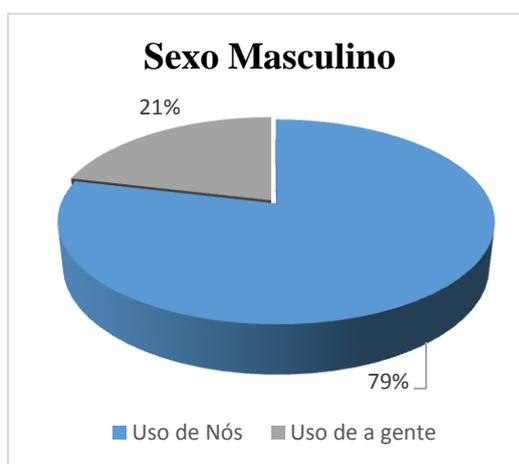
²⁰ Informante da 7ª Agrovila masculino da faixa etária 2 (acima de 55 anos).



Nossas expectativas, neste quesito com relação ao uso do *a gente*, foram atendidas, visto que a maioria das pesquisas vêm demonstrando que são as mulheres que utilizam essa forma mais do que os homens. Em consonância com estes estudos, nossa pesquisa apontou que as mulheres utilizaram 35% do pronome *a gente* e os homens apenas 21%, assim, constatamos que as mulheres aceitam mais as formas inovadoras em relação aos homens

Gráfico 5: Uso de *Nós* e *A gente* pelo Sexo Feminino

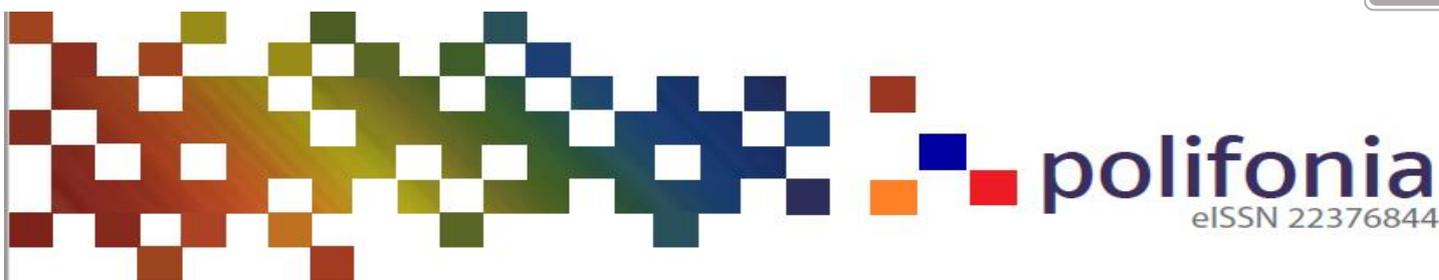
Gráfico 6: Uso de *Nós* e *A gente* pelo Sexo Masculino



No estudo de Nascimento (2013), a autora notou que as mulheres utilizaram menos *nós* 38% e mais *a gente* 62%, já os homens usaram 66% de *nós* e 34% de *a gente*. Podemos afirmar, desse modo, que há uma tendência no português brasileiro de as mulheres utilizarem mais o *a gente* e os homens mais o *nós*; estes resultados estão de acordo com as pesquisas de outros estudiosos, como a de Brustolin (2009) etc. Nos dados obtidos em Terra Nova, observamos que ambos os sexos utilizaram mais o *nós*, mas que houve um emprego maior da forma *a gente* pelas mulheres.

Com a coleta de dados, obtivemos um total de 1230 ocorrências de *nós* e de *a gente* foram coletadas 259 ocorrências. Na frequência geral de uso de *a gente*, como pronome de 1ª pessoa do plural, averiguamos que este incide cerca de 17% no português em Terra Nova, já o uso de *nós* ocorre em 83% (cf. tabela 1).

Pronome	Ocorrências/Total	Percentual
---------	-------------------	------------



A gente	259/1489	17%
Nós	1230/1489	83%
Total	1489	100%

Tabela 1: Forma do pronome de 1ª pessoa do plural no português de Terra Nova.

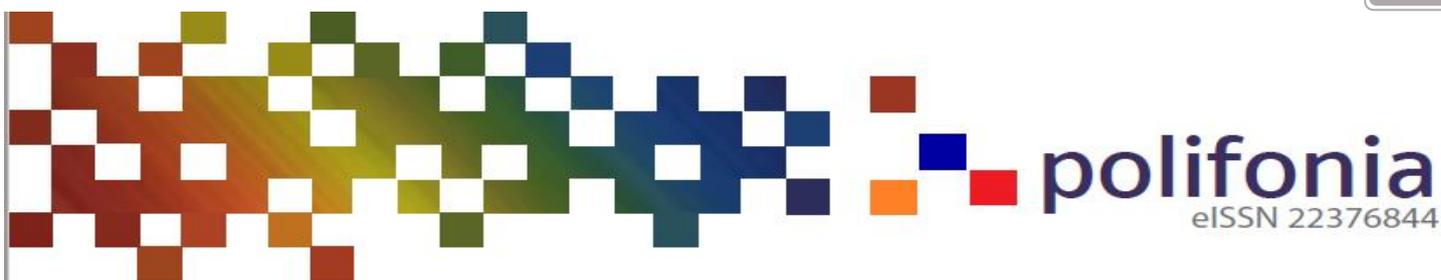
Estes números revelam que nas comunidades rurais de Terra Nova ainda há o predomínio do uso da forma mais conversadora *nós* e esta forma é impulsionada pelos informantes mais velhos, com menos escolaridade e do sexo masculino, uma vez que estes sujeitos, conforme visto no Gráfico 6, apresentaram maior percentual do uso de *nós*.

Esta situação encontrada em Terra Nova difere de outros estudos, pois estes evidenciaram que a tendência do português brasileiro na língua falada é o uso de *a gente*, enquanto na escrita predomina o uso de *nós*. Como exemplo, podemos citar o estudo de Lucchesi (2009) sobre as comunidades afro-brasileiras. Neste estudo este pesquisador notou que houve o predomínio da variante *a gente* com cerca de 73% e o *nós* com 27%.

De acordo com Zilles (2007, p. 37), contudo, a frequência da variação urbana difere da rural, uma vez que “o encaixamento sociolinguístico revela maior difusão da mudança nos grandes centros, enquanto nas localidades menores, mais rurais, em que há contato linguístico e/ou bilinguismo, o ritmo parece ser mais lento”.

Considerações finais

O pronome *nós* vem concorrendo com o *a gente*. Diversas pesquisas apontam que na língua falada este está se “sobressaindo” sobre aquele; dentre estas podemos citar Borges (2004), Brustolin (2009), Nascimento (2013), Santana (2014). No entanto, a frequência destes usos difere-se quanto ao lócus de pesquisa, por exemplo, em ambientes rurais é possível que haja baixos usos de *a gente* e em centros urbanos ocorre justamente o contrário, visto que este pronome está alcançando alta frequência nas capitais brasileiras. Independentemente desta diferença, podemos notar que está



ocorrendo um processo no mesmo sentido em todo o território, tendendo-se para o uso de mais *a gente* na fala dos brasileiros.

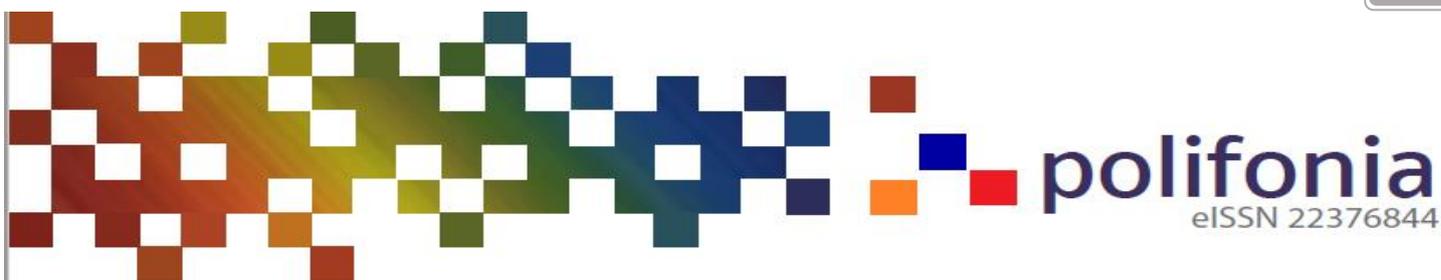
Por sua vez, o uso da forma *a gente* nas comunidades rurais de nosso lócus de pesquisa sofre avaliações positivas pelos falantes mais escolarizados e jovens, enquanto que o *nós* é bem visto pelos falantes mais velhos da amostra e de ambos os sexos. A variante considerada padrão entre os mais velhos é a mais conservadora, gozando de prestígio sociolinguístico entre este público, e a variante inovadora, por outro lado, é considerada ‘não-padrão’, mas não chega a ser estigmatizada pelos membros da comunidade, pois todos os informantes a utilizaram.

Com base nos dados analisados, podemos concluir que a escolha por uma das variantes (*nós/a gente*) está condicionada, na comunidade de fala das comunidades rurais, a fatores extralinguísticos, como a escolaridade, o sexo e a faixa etária. Através dos resultados verificamos que está ocorrendo um processo de mudança no uso pronominal de 1ª pessoa do plural, pois os mais jovens estão empregando mais a variante *a gente*.

Com relação à frequência do uso de *a gente* quanto à escolaridade, observamos que os informantes com Ensino Médio usaram mais *a gente* que os com Ensino Fundamental, mostrando-se assim um processo de mudança, pois os falantes jovens com mais escolaridade lideram uma diferença de 57% - 25%.

Com relação ao sexo, as mulheres apresentaram uma tendência de utilizar o pronome *a gente* mais do que os homens, com uma diferença de 14 pontos percentuais; estes dados apontam, desse modo, que esta variante é liderada pelas mulheres, já que estas a empregaram mais, mostrando-se assim inovadoras frente aos homens.

Quanto à frequência relativa à faixa etária, os jovens manifestaram mais o uso de *a gente* do que os mais velhos. Sendo assim, os jovens com mais escolaridade e as mulheres mostraram-se mais propensos a usar a variante *a gente*, havendo, assim, uma similaridade de resultados com o que outras pesquisas vêm apontando. A variável



escolaridade revelou que os falantes mais escolarizados optam pela forma *a gente* os menos escolarizados pela variante conservadora *nós*.

Ressaltamos, uma vez mais, que há nas comunidades rurais de Terra Nova o predomínio da variante *nós* sobre *a gente*, uma vez que a frequência geral de uso de *a gente* como pronome de 1ª pessoa do plural ocorreu cerca de 17%, já o uso de *nós* incidiu em 83%. Assim sendo, estes números mostram que nestas comunidades rurais há o predomínio do uso da forma mais conversadora *nós*, influenciada pelos informantes mais velhos, com menos escolaridade e do sexo masculino, uma vez que estes apresentaram maior percentual do uso de *nós*.

Referências

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. V.1, 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003. p.21-47.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

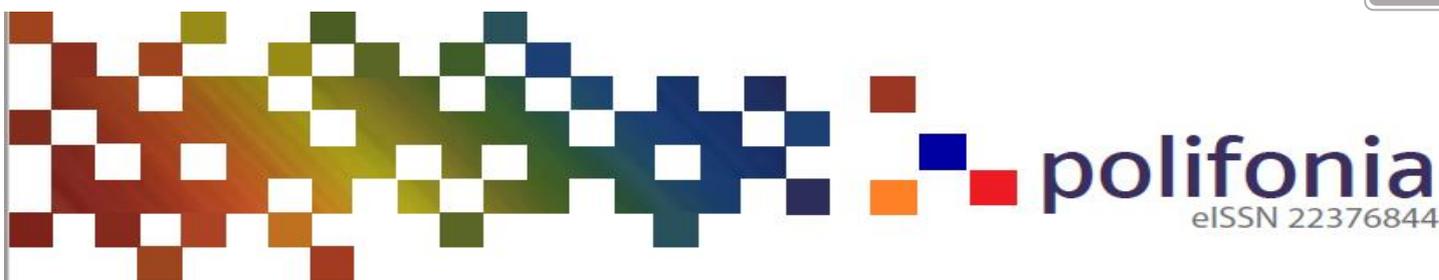
BORGES, Paulo R. S. *A gramaticalização do a gente no português brasileiro: análise histórico-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas*. 2004. 227f. Tese (Doutorado em Letras) Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2004.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 10.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

BRUSTOLIN, Ana Kelly Borba da Silva. *Itinerário do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do ensino fundamental da rede pública de Florianópolis*. 2009. 245f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2009.

CARVALHO, Gislaine Aparecida de. A concordância verbal no português europeu: variação e preenchimento do sujeito. *Alfa*, São Paulo, 57 (1): 81-98, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alfa/v57n1/05.pdf>> Acesso em: 31/08/2018.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *A gramaticalização. Estudos Linguísticos e Literários*. Salvador, n. 19, p. 25-63, mar. 1997.



CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In.: MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique; SOUZA, Christiane Maria N. *Para conhecer Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Breve gramática do português contemporâneo*. 12.ed. Lisboa: Edição João Sá da Costa, 1999.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. *Gramática*. 18. ed. São Paulo: Ática, 2003.

GUY, Gregory R. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: Aspects of the phonology, syntax, and language history*. Doctoral dissertation –University of Pennsylvania, Philadelphia, 1981.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

FRANCESCHINI Lucelene. O uso dos pronomes pessoais *nós/a gente* em Concórdia – SC. *Anais do SILEL*. Uberlândia: EDUFU, v.1, 2009. <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/gt_lg06_artigo_9.pdf> Acesso em: 18/09/2018.

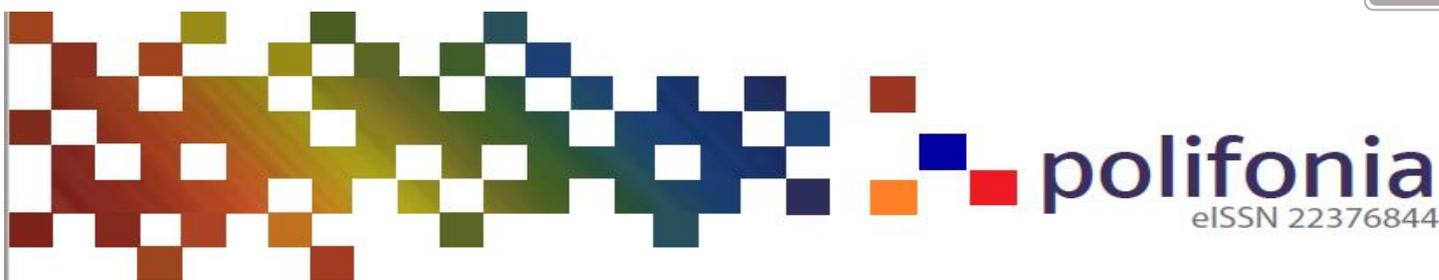
LOPES, Célia Regina dos Santos. *A inserção de “a gente” no quadro pronominal do português*. Frankfurt/Madri: Vervuert/Iberoamericana, 2003a, vol. 18.

_____. A indeterminação no português arcaico e a pronominalização de nominais: mudança encaixada? *Anais do V Encontro Internacional de Estudos Medievais*. Salvador, 2003b. Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/posverna/docentes/70994-2.pdf>> Acesso em: 31/08/2018.

_____. A gramaticalização de *a gente* em português em tempo real de longa duração e curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. *Fórum linguístico*, Florianópolis, v.4, n.1, p. 47-80, julho, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/7728>> Acesso em: 31/08/2018.

LUCCHESI, Dante. A representação da primeira pessoa do plural. In: LUCCHESI, D., BAXTER, A., and RIBEIRO, I., orgs. *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 457- 469. ISBN 978-85-232-0875-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

MENON, Odete Pereira da Silva. ‘A gente’: um processo de gramaticalização. *Estudos Linguísticos*, n. 25, p. 622-628, 1996.



NASCIMENTO, Carina Sampaio. *Nós e A gente em Salvador: confronto entre duas décadas*. 2013. 128f. Dissertação (Mestrado em Letras) Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2013.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero sexo. In.: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2015.

SANTANA, Abdon Mendes Borges. *Nós e a gente: um retrato do português popular de Salvador*. 2014. 114f. Dissertação (Mestrado em Letras) Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia, Salvador, BA, 2014.

SANTOS, Josilene Pereira dos. *O preconceito linguístico no âmbito escolar: análise de situações preconceituosas em duas escolas distintas na cidade de Sinop/MT*. Trabalho de conclusão de curso. Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, 2015.

STRAPASSON, Gloria Elizabeth Riveros Fuentes; COELHO, Izete Lehmkuhl. Presença dos pronomes pessoais tu / você e nós / a gente na narrativa de experiência pessoal nos indivíduos da cidade de Caçador – Santa Catarina. *Revista Professare*, ISSN 2238-9172, Caçador, v.2, n.1, p. 53-72, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.uniarp.edu.br/professare/article/download/209/211>> Acesso em: 31/08/2018.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa Sociolinguística*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 1986.

ZILLES, Ana Maria S. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de *a gente*? *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, junho, 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/download/2408/1882>> Acesso em: 31/08/2018.

_____. Grammaticalization of ‘a gente’ in Brazilian Portuguese. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, v. 8, n. 3, p. 297- 310, 2002.